

A arte de Ricardo Paula constitui um elo entre a pureza do traço e a beleza das formas. É algo não só peculiar, mas até mesmo magnífico, uma visão toda nova e toda sua a engrandecer e a enriquecer o nosso olhar e a maneira de percebermos, através desta postura, as coisas e o universo em que vivemos.

Na sua obra há o espaço que apenas com o olhar se vislumbra, mas há também e sobretudo, a sugestão das coisas que gostamos sem as vermos. Nada sobra, nem um só traço que não seja essencial. O silêncio das coisas é uma forma de absoluto anseio da totalidade perdida.

Estamos perante uma arte memorial, testemunho de um eu, de um questionamento interior. Sussurrar de segredos ou do vento cuja leveza não é mais que o produto da força plástica e do uso sábio das cores neutras, que apelam à experiência existencial do espectador e à emoção estética.

As formas despidas, o jogo da geometria, da luz e da emoção não impedem a existência de uma tensão, uma dissonância íntima que introduz a sensualidade e explica o prazer que sentimos na contemplação da sua arte.

No silêncio diluído das telas, nesse silêncio quase branco, surgem tímidas vozes, que não sabemos se são recordações que julgávamos perdidas (a infância, um passeio) ou apelos. O tempo e o desejo são as coordenadas das nossas emoções.

Mas todo este inventário deixado pelo prazer e pelo abandono, todas estas notas tiradas à margem como fragmentos de vida, resgatam-se pelo próprio artefacto.

É por isso que esta exposição de Ricardo Paula, voo livre e frágil de pássaros de papel, tão próximo da perfeição como só o pode ser, se cumpre entre a inovação e o aperfeiçoamento progressivo das suas formas, num compromisso entre o imaginário da infância e a humanidade que se pressente nos gestos e na expressão do quotidiano.